Conceitos e Fatos Históricos

Guarino Alves de Oliveira
(Do Instituto do Ceará)

2

SANTA MARIA DA GRAÇA (*)

As armas e padrões portugueses, postos em África e em Ásia, em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiais sam, e pode-as o tempo gastar; pero não gastará doutrina, costumes, linguagem que os portugueses nessas terras deixassem.

JOÃO DE BARROS

Continua controvertida a identidade do comandante da frota destinada a reconhecer e demarcar a *Ilha de Vera Cruz* em 1501. Contudo, a lógica favorece a Gaspar de Lemos. Segundo os estudiosos deste problema, se ele levou ao Rei a notícia da descoberta de Cabral, certamente pôde retornar ao Brasil, dada a circunstância de conhecer o caminho e a latitude de *Porto Seguro*.

Os cronistas fazem referência, portanto, a Gaspar de Lemos, como no caso de João de Barros, Fernão Lopes de Castanheira e Damião de Góis, porém contrariados por Gaspar Corrêa que menciona André Gonçalves:

(*) Reproduzido da *História dos Descobrimentos Marítimos no Brasil*, inédita.

... onde o capitão-mor por conselho de todos, d'aqui tornou a mandar ao reyno o navio de André Gonçalves, com a noticia a El-Rey desta nova terra que descobriu.

Ora o tal Gonçalves, que Th. Pompeu Sobrinho e outros escritores indicam como comandante da segunda viagem ao Brasil, não tomou parte na Armada Cabralina. Pero Vaz de Caminha cita personagens da expedição à Índia, e não consta o nome de André Gonçalves. O mesmo se verifica na *DISTRIBUIÇÃO DOS COMANDOS* da Armada, da autoria de Max Justo Guedes. (1)

Tradicionalmente, a verdade é esta: a naveta de mantimentos portadora da notícia ao Rei era de Gaspar de Lemos, conforme o desenho do *Livro das Armadas* pertencente à *Academia das Ciências* de Lisboa.

No fim de contas, já dizia Jaime Cortesão, que a obra de Gaspar Corrêa apenas *merece o interesse que, em história, se deve ligar às lendas.*

Há, ainda, quem prefira entregar o comando a Gonçalo Coelho, visto que, em um dos mapas de Vesconte de Maiollo, da Biblioteca Federiciana de Fano (salvo equívoco, destruída durante um bombardeio aéreo na última Grande Guerra) existe esta legenda: *Tera de Gonsalvo Goigo*, referente ao Brasil. Isto pode ser verificado em cópia fotográfica do protótipo. Daí o motivo por que o autor de *America la bien llamada,* Roberto Levillier, entendera de preferir Gonçalves Coelho como o legítimo Capitão-mór da frota de 1501-2.

Maiollo confeccionou o mapa fundamentado nas primeiras explorações da costa brasileira. Mas, a data do documento é controvertida. Convém, assim, rever Giuseppe Caraci, da Universidade de Roma, no seu trabalho bastante interessante, com a epígrafe: *Sobre a data do planisfério de Vesconte Maggiolo conservado em Fano:*

---

(1) Max Justo Guedes. *O Descobrimento do Brasil,* publicado na *HISTÓRIA NAVAL BRASILEIRA*. Vol. I, T. I, Ministério da Marinha (Serviço de Documentação Geral) Rio de Janeiro, 1975. Trata-se de trabalho de grande fôlego, vasado em pesquisas valiosíssimas, pp. 141/175. Do mesmo Autor e na mesma Revista, *As Primeiras Expedições de Reconhecimento da Costa Brasileira,* cuja primeira parte abrange *As Expedições Espanholas à Costa Leste-Oeste,* pp. 179/221, notadamente a de Vicente Yáñez Pinzón, desde o Ceará até as Guianas. O Com. Max Justo Guedes, Coordenador da *HISTÓRIA NAVAL BRASILEIRA* é, atualmente, o melhor e o mais competente analista dos nossos problemas de história marítima.

"A legenda está situada à esquerda do pergaminho, não distante de sua margem extrema, atrás da linha da costa correspondente ao atual território brasileiro, e diz textualmente: *Ego Vesconte de Maiollo compoxy. / — VIII juny in civitatem. Janus...* (esta última palavra está escrita em caracteres visivelmente menores).

À pouca distância desta legenda, e próxima da costa lê-se: *R Portogal,* e onde ao N. termina a costa: *"Tera de Gonsalvo Goigo. / — Vocatum Santa Croxe."*

Caraci duvida que a data — *15.4* do mapa seja simplesmente *1504.* O ponto visível depois do algarismo *5,* diz ele, deve corresponder talvez a *1,* ou *4,* mesmo porque o ponto aludido procede de uma rasura no pergaminho. Tratar-se-ia, pois, de uma destas: *1511, 1514, 1543, 1550.*

Wanter, transcrito na pesquisa de Caraci, propõe como provável o ano *1504* e explica: "certamente era inevitável refutar as leituras: 1534, 1524, 1514. Porém há uma razão para favorecer 1504. No fim do século XV alguém fez a mudança de letras semigóticas para letras latinas, (mil). cinco (centenas) e quatro = 1.5.4. logo tendo somente três unidades, pois era uma palavra independente não composta com treze, quatorze, etc. Contudo, 1. 5. 4. não é lapso. E até mesmo Maiollo usa a última possibilidade para tal escrita (3 unidades doze) em sua carta-portulano de Nova York. *(Vesconte Maiollo compusuy han carta in nepoly di anno 1. 6. 12. juny),* dina com três unidades escritas como para chamar a atenção."

Mas, o *x* do problema é este: o ponto depois do algarismo *5,* consoante Caraci, lembra um número rasurado. Não seria simplesmente um ponto. De qualquer maneira, se o mapa refere a terra de Gonçalo Coelho ou *Tera de Gonsalvo Goigo,* esta foi visitada pelo citado Capitão-mor, mas em 1503-4, portanto a frota que descobriu a ilha de Fernão de Noronha. Somente depois de realizado este périplo, conhecido como de *Especiarias,* do qual compartilhou Vespucci, pôde Maiollo desenhar seu mapa. A data *1504,* por exemplo, é a do regresso do florentino a Lisboa, com notícias do Brasil. Mas, poderia ser de 1505, a acreditar no regresso de Gonçalo Coelho, supostamente perdido nos mares. Coelho, como mostrarei na pesquisa *SAM ROQUE,* teria explorado o litoral até o Maranhão, e chegando ao Rio da Prata. Teoria, aliás, que põe em dúvida a *prioridade* de Juan Días de Solís como descobridor do rio Uruguai em 1526...

Por conseguinte, sou favorável a Gaspar de Lemos, até prova em contrário. Cortesão investigando papéis da *Torre do Tombo* nada encontrou a respeito deste navegante, sobretudo quando a fidalguia. Porém no teto de uma das salas do Real Palácio de Cintra, dentre os muitos brasões nele pintados existe o da família *Lemos:* em campo vermelho, com cinco cadernas de crescente douradas, tendo por tímbre uma Águia em vermelho e um minguante de oiro.

Outra coisa. Ninguém conseguiu identificar os capitães menores da Frota. Eram três caravelas e, portanto, três dirigentes. Talvez Gonçalo Coelho e Juan Días de Solís? Não acredito que Amerigo Vespucci estivesse à frente de um dos navios. Viajaria na Capitânia como Piloto, ou observador-cronista, ou cosmógrafo-cartógrafo. Testemunha viso-auricular do que se passava na Capitânia, tendo tempo de sobra para calcular léguas, observar e descrever (anotar) constelações, pessoas e coisas, Vespucci foi, assim entendo, a "sombra" do Capitão-mor e, conseqüentemente, pela experiência que tinha como piloto da viagem de 1499 o substituiria no comando da Frota ao atingirem a altura de vinte e cinco graus austrais.

* * *

No dia 14 de maio de 1501 as caravelas deixaram o Tejo, seguindo de conserva ao rumo da Grã-Canária. Passaram à vista dela, sairam costeando a África e fizeram pescaria aos pargos durante três dias. Prosseguindo pelo litoral da Etiópia fundearam afinal no porto de Bezeghice, hoje Dakar. (2) Diz Vespucci que se achavam surtos dois navios da Armada de

(2) Do trajeto Lisboa-Dakar cumpre assinalar um lapso em *Mundus Novus:* ao invés de "vinte dias" de navegação consta *vinginti mensibus,* interpretado por Marcondes de Souza como se tratando de viagem redonda. O erro, que se reproduz em cópias italianas é mais um desses de que se servem alguns críticos para negar a autenticidade de *Mundus Novus.* Em italiano: *& XX. mesi continuamente nauigassemo al mezo zorno.* Levillier, arguto, esclareceu a verdade: "Salta aos olhos que há aqui um lapsus. Vinte meses de rumo contínuo ao sul faria a esquadra atravessar a terra antártica, até dar do outro lado, com a Nova Zelândia ou as ilhas Salomão! É, pois, evidente, que o nauta não escreveu vinte meses, o que se prova assim: aos catorze dias do mês de maio saiu de Lisboa; escreveu ao Médici a 4 de junho, de Cabo Verde; com estes dados se faz a conta: 16 dias de maio, mais 4 de junho, totalizam 20. Basta, pois, substituir "meses" por "dias". Esta retificação serve também de provar que a frota deixou o Tejo no dia 14, e não no 10 como aparece em certas cópias do original.

Cabral, recentemente chegados da Índia. Fato, aliás, comprovado com o relato do *Piloto Anônimo,* Cap. LXXXI — *As naus que voltaram a Lisboa* no qual se diz:

> *... chegamos ao cabo da Boa Esperança no dia da páscoa florida e daí fez bom tepo com o qual atravessamos e viemos à primeira terra junto ao Cabo Verde,* imbessenicha *e aí encontramos com III navios os quais nosso rei de Portugal mandava a descobrir a nova terra."*

Imbessenicha, o mesmo que Bezeguice e Bezenegue. O termo "descobrir", utilizado, também, por Vespucci, em relação às suas viagens sob o pavilhão português, tem o sentido de "explorar" o que já estava descoberto, ou melhor, suas vizinhanças. Como no caso, por exemplo, de Alonso de Hojeda, relativamente às Antilhas.

Enquanto os navios de Lemos se aprovisionavam de água e lenha, Vespucci travou relações com um indivíduo de nome Gaspar da caravela cabralina *Anunciada.* Era, talvez, o mesmo Gaspar, judeu da Índia, na verdade Gaspar da Gama e que, consoante Capistrano de Abreu, *sabia a língua árabe e alguma da costa de Malabar, d'onde viera.* Foi ele que contou ao florentino os sucessos da descoberta do Brasil, e sobre o assunto tratou Vespucci em sua famosa Carta de Cabo Verde dirigida ao Médici, afirmando que os treze navios de Cabral "navegaram em direção ao sul das ilhas de Cabo Verde com vento entre o sul e sueste, e depois de terem navegado cerca de 700 léguas, em 20 dias, que cada légua são 4 milhas e meia, pousaram em uma terra onde encontraram gente branca e nua da mesma que eu descobri para o rei de Castela, salvo que está mais ao levante, a respeito da qual por outra minha vos escrevi onde dizem que se abasteceram, daí partiram e seguiram a navegação até o levante, e navegaram com o vento de sudoeste tomando a quarta do levante."

Estas palavras: *que eu descobri para o rei de Castela,* exprimem meia verdade. O Chefe da Frota era Hojeda. Faltava a Vespucci um diploma oficial para agir nesse sentido. Descobriu por acaso, à revelia do Rei e sem o concurso de Hojeda.

Zarpou Gaspar de Lemos do porto de Dakar em derrota de 1 1/4 de Meio-Dia, conforme a *Lettera,* e atingida a Equinocial houve muitos aguaceiros, trovoadas e tormentas. Bruma

e tempo contrário foram a causa de velejarem ao longo da linha, e pôde Vespucci verificar que no mês de junho era inverno e as noites iguais aos dias, fazendo sombra às doze horas.

Com a navegação já se prolongando sem termo rogaram a Deus mostrasse terra firme, e depois de sessenta e sete dias avistaram o Brasil no dia 17 de agosto em altura de cinco graus austrais.

Eu adotaria o *17* para a chegada se não a contrariasse *Mundus Novus* que diz ter isso acontecido on dia 7. Demais, há divergências para o cômputo de dias navegados. Na Carta de Lisboa o florentino escreveu: *tanto navigammo per il vento tra libeccio 1/2 giorno, que in 64. di arrivamo a una terra ferma per molte regione che nel precedere si dirano*. Divergências, comuns nas epístolas, repita-se, por culpa de copistas, tipógrafos ou de revisores e que não devem causar espanto.

A partida do Tejo foi verdadeiramente em 14 de maio e a arribada no Brasil no dia 7 de agosto (*Mundus Novus*).

Curioso é que Varnhagen, Duarte Leite e Malheiro Dias defendem a data *17* como originária de *Mundus Novus*, enquanto Los Ríos indica o dia *20*, citando a seu favor o Calendário gregoriano e o *Flos Sanctorum*...

Varnhagen, o mais erudito, o mais culto, o Mestre *inigualável* da historiografia nacional, em traduzindo *Mundus Novus* diz: "No dia 17 de agosto de 1501 surgiram na costa daquela terra, agradecendo a Deus com solenes preces, e celebrando uma missa."

Ora é falso admitir *17* para a mencionada epístola. Examine-se, aqui, o mesmo tópico na edição latina de 1503:

> *Die autem septima augusti Milesimo quingentesimoprimo in pisarum regionum littoribus submissimus anchoras gratias agentes deo solemni suplicatione atque vnius misse cantu celebritat.*

Veja-se também a *editio princeps* italiana de Montalboddo de 1507, corroborando *Mundus Novus:*

> *El di veramente VII agosto del MCCCCCI in e'li liti de quelli paesi sorgessemo rengratiando el nos-*

tro signor. Idio solenni supplicatione et celebrando una misse. (3)

Acredito, pois, que o dia sete merece confiança, embora dele discordem alguns historiadores.

Estes, quase de maneira geral identificam o ancoradoiro de Gaspar de Lemos um lugar vizinho ao *Cabo de São Roque*, e assim propõem mais uma data, precisamente, a de S. Roque — *16* de agosto!

* * *

A hipótese acima aludida, pode ser exemplificada através de seis autores escolhidos, aqui, a acaso:

1 — *Barão do Rio Branco:* "a esquadra portuguêsa de André Gonçalves e Amérigo Vespucci, vinha de Lisboa, avista o cabo a que deu o nome de São Roque, e começa dali para o sul a exploração da costa brasileira. Do 17 a 24 permaneceu a esquadra diante do cabo de São Roque."

2 — *Capistrano de Abreu:* "primeiro ponto encontrado recebeu do santo cuja festa se comemorava o nome, ainda vigente, S. Roque."

3 — *Andelmann:* "rumaram para o Poente, tocando a costa brasileira nas alturas do Cabo de São Roque, no dia desse santo, a 16 de agosto de 1501."

4 — *Los Ríos:* "depois de descobrir e de crismar o Cabo de S. Roque em 20 de agosto, toma o rumo do S."

5 — *Aguado:* "encontró la Tierra de Santa Cruz a 5.º de Lat. S., es decir, cerca del Cabo de San Roque."

6 — *Friederici:* "em 16 de agosto de 1501, a frota ancorou no cabo de São Roque, seguindo depois, ao longo da costa brasileira, rumo ao sul."

Há, também, quem assinale um porto na Paraíba, e até mesmo no Ceará! O historiador Th. Pompeu Sobrinho indica a enseada cearense de Pericoara, dizendo: "no dia anterior naturalmente teria avistado pontos elevados da terra firme. Este

(3) Escreveu Alexandre Zorzi em seu manuscrito: "El dí, veramente a dí 7 de agosto de 1501 ne'liti quelli paesi, sorgesimo ringratiando Dio con solene suplicatione, fu celebrado un messe in canto." E em outra cópia italiana: *el dí veramente, Vii d'agosto, del M. CCCCCi.*

dia anterior, 16 de agosto, o verdadeiro dia do descobrimento, é justamente aquele que a Igreja Católica festejava São Roque."

Orville Derby por seu turno admite a Baía da Traição, onde a frota pousou no dia 7, daí rumando (após a aguada de sete dias) para o Nordeste, dia 13, batizando o cabo S. Roque a 16, e em seguida velejou para o Sul.

Há mais. Humboldt, e recentemente Max Justo Guedes, opinam por um sítio próximo à Ponta do Mel, no município norte-riograndense do Açu, em latitude de cinco graus. Cite-se, ainda, Duarte Pacheco Pereira (fonte inspiradora de Th. Pompeu Sobrinho) dando uma *angra de Sam Roque* em 3.º30'S, portanto no Ceará, perto de Pericoara.

Realista, entretanto, é Levillier: a Frota ancorou na costa setentrional do Rio Grande do Norte em 7 de agosto. O lugar, Touros, consoante Luís da Câmara Cascudo, está identificado: "Creio que o cabo de São Roque foi avistado e dobrado, sem que houvesse desembarque, no dia 16."...

Entretanto, C. Mendes de Almeida prefere a Baía Formosa, na costa leste norte-riograndense, e por fim temos J.M.B. Castelo Branco a favor da enseada do Cajueiro, ao sul do porto de Touros, dentro do Canal de São Roque.

Tais prognósticos exigem, pois, diferentes latitudes: *2.º07" — 5.º10, — 5.º04' — 4.º59 — 6.º48, — 3.º23'* — e *3 º30'S*.

Qual a verdadeira? A resposta está em Vespucci, no mapa anônimo *Kunstmann II* e no de Caveri.

De minha parte não aceito o batismo *SÃO ROQUE* para a viagem de Gaspar de Lemos. Estou com o ponto de vista do Prof. Duarte Leite: é topônimo decorrente da expedição de 1503-5 e, baseado em Caveri localizo-o no porto de Guamoré, ou na enseada de Caiçara, sua vizinha imediata, ao oeste da ponta do Calcanhar, em cinco graus austrais.

Historicamente, nunca houve mistério quanto à latitude. Vespucci deu esta altura e o cronista Antônio Galvão confirma-a:

> *Neste anno de 1501 e mez de mayo partirão tres navios da Cidade de Lixboa por mandado del Rey D. Manuel a descobrir a costa do Brasil, e forão ver vista das canarias, e dahi a Cabo Verde, tomarão refresco em Bezequice, e passada a linha da parte do sul, forão tomar terra do Brasil em cinco graos daltura.*

Em Caveri há o topônimo *Santa Maria de gracia*, vizinho e ao leste de *Sam Rocho*, que não é cabo, mas praia. Tratar-se-ia de uma recordação do périplo de Pinzón? Isto é: o trecho por ele descoberto, com o promontório de *Santa Maria de la Consolación?* Um equívoco do cartógrafo? Fiz esta pergunta a Max Justo Guedes quando de nosso encontro em Fortaleza, em setembro de 1978. Não soube responder, porque, realmente, trata-se de verdadeira incógnita. Basta assinalar que nunca consegui situar o promontório de Pinzón quer em Pernambuco, quer na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Não tenho nenhuma dúvida de que o nauta espanhol abicou no Ceará, nada tendo o *Santa Maria da Graça* português com o *Consolación* castelhano.

Parece-me, à primeira vista, que o registro de Caveri, procede do outro registado no *Kunstmann II*, mas modificado, pois neste último mapa está escrito *Santa maria de agoadia* ou "aguada". O topônimo de Caveri, portanto, foi inspirado, suponho, na Missa de Ação de Graça celebrada pelo padre da Frota de Lemos, conforme Vespucci: *gratias agentes deo solemni supplicatione atqve misse cantu celebritat.*

Quer dizer: *Santa maria de agoadia* (Kunstmann) porque referindo aquela "aguada" de sete dias. Aliás, poder-se-ia incluir o *Sam Rocho* no périplo, alegando-se que nos mapas primitivos (exceto de Cantino) não há outros batismos ao oeste. Dir-se-ia que a viagem de Lemos começou de Sam Roque para o sul. Mas, como o primeiro ancoradouro corresponde a uma praia ao oeste do Calcanhar e ao leste de Guamoré, a Frota, após a aguada, teria navegado para S. Roque ou Guamoré no dia 16. Entretanto, esse trajeto não encontra justificativa. Tendo deixado *Santa Maria* a 13, só chegaria a 16, quando na realidade estes dois lugares são muito próximos um do outro, com navegação de horas... Demais, disse o florentino que, após a aguada de *Santa Maria* rumaram diretamente para o sul, e não para o oeste. Assim, pois, não vejo maneira de conciliar São Roque com a viagem de Gaspar de Lemos. Além disso, o *São Roque* atual, promontório, começou a existir quase uns vinte anos depois, segundo a cartografia quinhentista.

Provavelmente, o primeiro ponto da terra avistado do mar foi o pico do *Cabugi,* vulcão extinto, com altitude de quinhentos e noventa metros e serve de "conhecença" aos pescadores. Vespucci, entretanto, omitiu-o. Refere-se, apenas, à viridência do lugar, sem dúvida a floresta latifoliada-tropi-

cal que, à época, conforme estudos botânicos, derramava-se desde Touros para o sul.

Segundo a *Lettera,* ficou logo constatado que havia habitantes, uma vez que foram vistos novelos de fumo ascendendo detrás dos cômoros arenosos. Após o desembarque e reconhecido o terreno houve a Missa cantada. Por isso, creio que, além do ofício divino foi chantado um *Padrão* de posse. E, como se costumava tomar a latitude pelo Sol, de preferência em terra e assim evitando-se o balanço do navio, pode supor-se que o desembarque sucedeu de manhã. Conforme sabemos, examinava-se o grau com o Sol no *zenith.*

Vespucci é positivo: *tomamos posse dela em nome do Sereníssimo Rei.*

Houve, portanto, uma solenidade e, note-se, assistida de longe por alguns silvícolas. Efetivamente, ao referir o segundo desembarque, no mesmo sítio, para colher água e lenha, diz Vespucci que os espiavam homens despidos e da mesma cor da *outra passada.*

Quanto ao *Padrão,* também omitido por Vespucci, quer na *Lettera,* quer em *Mundus Novus,* há fortes razões para incluí-lo nos acontecimentos: 1º, o objetivo da viagem era reconhecer e demarcar *Vera Cruz;* 2º, é de crer-se que o Padrão deveria ser chantado em *Porto Seguro,* na Bahia, mas, por causa do desvio da rota — tempestades na Equinocial — os navios deram por acaso em Touros.

Ora existiu neste lugar um *Padrão* de pedra liós, em 5.º04'30"S, por 32.º48'50"W, coordenadas do Almirante Paulo Mário da Cunha Rodrigues, Ex-Ministro da Marinha, dadas a Luís da Câmara Cascudo quando ainda estava no posto de Capitão-de-Corveta. Cascudo, mencionando o porto de Gaspar de Lemos particulariza:

> *... fundo de areia, ausência de recifes submersos e bancos movediços, com a certeza de uma constante de 3, 1/2 a 4, 1/2 em maré alta, mais do que conveniente ao calado das caravelas de Gaspar de Lemos.*

Por conseguinte latitude, *Padrão* e profundidade marítima ajustam-se aos fatos.

* * *

Na manhã de oito de agosto (*Mundus Novus*), e consoante a *Lettera* como base dos sucessos, alguns marinheiros abriam cacimbas na praia, quando viram gente escura no cume de uma duna. Fizeram sinais para que eles viessem ter com eles, mas sem resultado. Sendo já tarde e enchidos os barris d'água, sem mais tempo de coletar lenha, resolveram regressar aos navios, tendo antes deixado alguns espelhos, campainhas e outros objetos de agrado aos habitantes. Nada mais lógico porque desde o primeiro dia tinha-se conhecimento de que a terra era habitada. Afastados os batéis, aquela gente passou a examinar os objetos, mostrando-se cheia de curiosidade.

No dia 9, certamente de manhã, ascendia muita fumaça detrás dos cômoros. Pensando que os silvícolas os chamavam, dois marujos resolveram desembarcar e pediram licença ao Capitão-mor. Desejavam saber se os habitantes possuíam droga, especiarias e mais riquezas para comerciar. Pediram, insistiram, até que o Capitão os houve por bem. Providos de mercadorias "resgate" meteram-se num batel com ordem de regresso para cinco dias porque mais não os esperaria a Frota. Chegados a terra viram que os silvícolas acenavam convidando-os a se internarem por entre os crômoros arenosos. Os marujos atenderam e o batel retornou.

Todos os dias vinham silvícolas à praia, menos os dois marinheiros.

A 13, data marcada para a partida, houve desembarque. Lá estavam os silvícolas na mesma colina, mas dessa vez armados de arco e flecha e acompanhados de mulheres. Estas desceram, parando a pouca distância dos portugueses, os quais desejando captar-lhes a confiança mandaram até elas um grumete, jovem robusto e de muita atração. Para aquietá-las, entraram nos batéis varados na areia.

O grumete foi cercado e apalpado. Nesse comenos, uma mulher, corpulenta, armada de pau, desceu morro abaixo, aproximou-se do rapaz pelas costas e deu-lhe uma pancada na cabeça, matando-o. Súbito o arrastaram pelos pés até o morro, enquanto os homens lançavam-se sobre os marujos com uma chuva de flechas. Foi tão grande a confusão que estando os batéis varados, ninguém pôde defender-se. Por sorte, uma das naves disparou quatro tiro de bombardas, mas sem atingir o alvo, pondo em fuga o inimigo.

De bordo os portugueses assistiram os sucessos finais: uma fogueira acesa e as mulheres retalhando o grumete, ou-

tras mostrando os membros decepados, enquanto os companheiros faziam sinais, dando a entender que tinham comido aqueles marujos do resgate.

A cena entristeceu profundamente a Frota. Ninguém concebia a idéia de deixar sem punição a crueldade praticada por aqueles bárbaros. Mais de quarenta marinheiros quiseram desembarcar, porém o Capitão resolveu partir imediatamente. Ficaram, portanto, os silvícolas satisfeitos de tanta injúria, e os tripulantes, envergonhados do seu Capitão, de má vontade deram pano aos navios.

Deixaram o porto de *Santa Maria da Graça* nesse fatídico 13 de agosto, passando a navegar entre o Levante e Siroco, isto é, por Lessueste.

* * *

Uma das incongruências da *Lettera* é a omissão de rumos intermédios. Vespucci salta de leste-sueste diretamente para sussudoeste — *Cabo de Santo Agostinho,* quando se sabe que houve escalas no percurso. Compreende-se tal lacuna dada a circunstância de tratar-se de simples epístola e não de um *tratado* de navegação.

No *Kunstmann II* falta o registro das escalas porque o cartógrafo preocupado em traçar o promontório pernambucano com a forma de uma cabeça de baleia desfalcou grande trecho costeiro desde a Paraiba até o Rio Grande do Norte. Mas o mapa de Caveri mostra uma série de reentrâncias, as quais coincidem, assim me parece, com os portos de Touros, Natal, Baía da Traição, Cabedelo, Itamaracá e Recife. (4)

Outro ponto discutível: a distância dada na *Lettera,* de 150 léguas entre o primeiro ancoradoiro e o cabo pernambucano. Não convence.

Diz Vespucci:

> ... *comiciammo a nauigar p' libecio, & d'sta q'esto cauo* (S. Agostinho) *della p'dicta terra, che uede'mo doue amazorono el chistiani. 150 leghe uerso leuante: et sta q'sto cauo 8. fuori della linea equinoetiale verso laustro.*

(4) Como os litorais eram desconhecidos faziam-se as escalas durante a noite. Vespucci: *partimo di questo porto* (Touros) *sempre nauigando por libeccio* (não menciona os rumos intermédios) *a vista di terra, di continuo faccendo de nocte scale, & parlando con infinita gente.*

Talvez nem serra do próprio Vespucci, porquanto na *Mundus Novus* o cômputo de léguas é muito maior — *trezentas* (!!!) — ou como está consignado na edição latina:

> *...ax illud tandiu percurrimus quando peruanimus ad vnum angulum vbi littus sersuram faciebat ad meridien & ab eo loco vbi primum terram attingimus usque ad vnun feerunt circa trecente leuces in hius nauegationis spaci p'uries desdentimus in terra.*

O Prof. Duarte Leite reportando-se ao erro da *Lettera,* entendeu que as coisas se passaram diferentemente: "é certo que a distância de 150 léguas entre o cabo e o lugar de desembarque inicial foi contada com notável exagero, já que entre 5.º e 8.º21' medeiam apenas umas 90 no máximo, em navegação cingida ao litoral; e maior ainda se torna a distância, se o S. Agostinho se tem de puxar de sua atual posição. Seria necessário remontar a 3.º para atingir as 150 léguas, e com rumos variáveis da costa; ora a tanto se opõe a *Lettera,* que o dá por lessueste."

Muito bem. O rumo dado pelo florentino prova apenas que o cômputo está errado. Por isso, mesmo tratando-se da opinião de um historiador de renome internacional eu prefiro dizer que Duarte Leite, mais uma vez, confundiu os fatos. Não há necessidade de modificar o itinerário, nem de puxar o *Santo Agostinho* atual do seu lugar. Duarte Leite imaginou essa "beleza" porque entendia que o *Cabo Branco* (Paraíba) era o mesmo *Cabo de Sam Jorge* do planisfério de Alberto Cantino.

Malheiro Dias também trouxe novidades: "torna-se impossível identificar de modo concludente o Cabo a que ele *(Vespucci)* chamou de Stº Agostinho. Seria o Cabo Branco, a 7.º e 12, de Lat. S? Esta hipótese concorreria para explicar como a esquadra, partindo no dia 24 do primeiro ancoradoiro, pôde passar, fazendo escalas, à vista do Cabo no dia 28, pois é impossível atribuir-se velocidade capaz de vencer em quatro dias a distância entre 5.º e 8.º20'. Ou a armada não demorou sete dias na enseada anterior ou passou menos de 67 dias na travessia atlântica. O tempo consignado na carta da coleção Strozzi (64 dias) se harmoniza com o fato cronológico da passagem pelo Cabo de Stº Agostinho em 28 de agosto."

Como se observa, tudo isso não passa de tempestade em copo d'água, quiçá, quem sabe?, simples vontade inconsciente de confundir episódio de *tam* elementar raciocínio!

Eis o que penso: a) O vento *siroco* de que fala o florentino, Sueste, é o dominante em agosto no Rio Grande do Norte; b) Se o promontório vespuccino está no rumo *sudoeste* (conforme a *Lettera*) não pode ser o Cabo Branco. Portanto, a latitude e o rumo dados por Vespucci indicam o Santo Agostinho; c) Ao invés de trazer o cabo para 7.º12'S, ou mesmo refutar a "aguada" de sete dias, torna-se indispensável, apenas, que se substitua a data "17" do primeiro ancoradoiro para "7", ao mesmo tempo diminuindo o cômputo de léguas entre Touros-S. Agostinho. Nada mais além disto, tanto mais que o *Cabo de Sam Jorge* representa de fato o de Pernambuco, e nunca o Branco, paraibano.

A crítica avessa ao florentino procura sob todos os aspectos possíveis menoscabar as epístolas, e assim fazem o "jogo" muito conhecido de alguns historiadores lusos que fizeram época na famosa *História da Colonização Portuguesa do Brasil*...

O problema de léguas acima discutido não é tão indecifrável como à primeira vista se pensa. Observe-se, por exemplo, Th. Pompeu Sobrinho: cita ele uma dessas cópias. a de Boccio Valori, reproduzida por Bandini, na qual o cômputo entre o primeiro ancoradoiro e S. Agostinho é de *cinquenta léguas,* afirmando Pompeu que a distância verdadeira deve regular mais ou menos em *cinquenta e cinco léguas.*

Este fato serve de confirmar aquela minha opinião, segundo a qual as cartas vespuccinas foram deturpadas em alguns pontos pelos senhores que as divulgavam.

* * *

Supõe Roberto Levillier que o mapa anônimo e sem data encontrado por Fr. Kunstmann em Muniche, o segundo de uma série de três, deve ser da autoria de Vespucci e resultante da viagem de 1501-2. Também acho. Ninguém ignora que o florentino confeccionava "globos" e cartas *in extenso.*

Tentarei a meu modo identificar os lugares e as acidências geográficas do *Kunstmann II,* ao longo do litoral brasileiro, porém excetuando *san roche,* em consonância com as narrativas do florentino.

NOMENCLATURA DO KUNSTMANN

1 — *Santa maria de agoadia*
Recôrdo da aguada de sete dias, onde foi chantado um Padrão com as armas de D. Manuel — 5.º04'30 "S-35.º 48'50"W.

2 — *monte de s. unicenso*
No litoral leste do Rio Grande do Norte há morros arenosos de sessenta metros de altura. Todavia, mais provável parece tratar-se de litoral paraibano, uma vez que o topônimo seguinte coincide com a ilha de Itamaracá.

3 — *S. maria de rapida*
É o porto de Itamaracá em Pernambuco. Grafia correta: rábida. Houve escala.

4 — *Capo de Sancta* +
O de Santo Agostinho, alcançado em 28 de agosto. A escala em Itamaracá foi demorada. Só partiriam do Santo Agostinho, talvez na enseada de Suape, onde Vespucci tomou a latitude do Cabo, em princípio de setembro. As escalas *(Lettera)* incluem portos quiçá vistos de passagem e anônimos na carta de Caveri, ou melhor, não devidamente registados.

5 — *San Michaele*
Porto de Maceió em Alagoas, com chegada em 29 de setembro, comemorativo de São Miguel. O topônimo seria trasladado para o atual rio deste nome na viagem de 1503.

6 — *Rio de s. francisco*
Batismo de 4 de outubro.

7 — *brafra barril*
Praia dos Mangues em Sergipe. Este Vaza-barril foi transplantado para o rio atual deste nome em 1503: rio de vazabarris.

8 — *rio de perera*
É o Sergipe, no Estado deste nome. Não se trata, porém, de antroponimo, nem da árvore "pereira" euro-

péia. Existe o "Pereiro" brasileiro, cuja cor da casca e o engalhamento, segundo o Eng. Carlos Bastos Tigre, lembra a "árvore dos clímas frios e temperados que produz a pêra — *Pirus communis*". Em suma, no rio Sergipe imaginaram os náutas a existência de Pereira européia. A nossa árvore, de 1,50 a 5,00 de altura, e tronco de 15 a 18cm, esclarece o citado agrônomo pernambucano é uma variedade conhecida até Santa Catarina com o nome amerígena de *Guaranaticum* (Malam) ou simplesmente *guatambu*.

9 — *serra de s. madlena de gratia*
Autores há que traduzem este nome como sendo "Santa Madalena da Graça". Mas o crisma está escrito em castelhano e significa "Mãe cheia de Graça". O *madlena* é modulação gráfica contrata de *madre* e *llena*, portanto cheia de graça.

10 — *rio de caxa*
Corrução de "cássia". É o rio de Vazabarris atual ou barra de São Cristóvão em Sergipe, crismado de "rio de Canafístula". Este toponimo corrobora a *Lettera:* um dia, os náutas avistaram muita gente que, reunida na praia, olhava maravilhada o velejar dos navios. Fizeram estes a volta e fundearam. Os amerígenas eram de melhor condição que a gente de *Santa Maria da Graça*. Cortaram muita canafístula grossa e verde, mas seca na parte de cima. Alffaitadi confirma a coleta: *et dita caravele à venute carga di verzi et di cassia*. Quanto ao *verzi* ou madeira "brasil" parece ter sido cortado na Bahia, no rio Trancoso, registado na Carta de Cantino. (5) No rio das canafístulas o Capitão-mór *(Lettera)* resolveu recolher a bordo dois silvícolas para ensinar-lhes o idioma. Logo apresentaram-se três voluntários desejosos de conhecer Portugal.

---

(5) Há quem acredite que o rio de "Canafístula" era o atual Sergipe. Note-se, porém, que roteiristas e cartógrafos trasladaram alguns batismos anteriores de uns para outros lugares. Exemplifico com Luís Teixeira, *Roteiro de todos os Sinais da Costa do Brasil*, onde se identifica o rio Sergipe com o de Gaspar de Lemos: *aqui está hú rio que chama Sirigipe, ou das Canaffistolas he rio em bem pode (pera nesecidade) algus nauios de 50.60. toneis etc.*

11 — *punte real*
Nas imediações da barra do rio Real em Sergipe. Este toponimo foi transladado em 1503 para a barra ou Porto Real.

12 — *rio de são hieronimo*
O Itapicuru. Batismo independente da cronologia agiológica do calendário de bordo.

13 — *rio de odio*
É o Inhambuque na Bahia. Em Caveri temos *Rio de oido*, parecendo espanhol — "ouvido". Mas deve ser "ódio", de odiar. Os tabaréus do interior do Nordeste brasileiro pronunciavam "óido"...

14 — *rio de Mezo*
O Ipojuca (rio somente pela metade). Levillier anotou: *rio de Mayo*. Em Waldssemüller — *Rio de mezo*, e também em Caveri.

15 — *monte fragoso*
Geralmente identificado com o de Saipé.

16 — *A baia de tutti santi*
Estamos em Salvador. Chegada em 1º de novembro.

17 — *rio de S. jacomo*
O Jequié. Toponimo à parte da seqüência agiológica.

18 — *rio de S. augustino*
O Camamu. Fora da seqüência agiológica.

19 — *rio de S. Helena*
O das Contas. À parte da cronologia do calendário de bordo.

20 — *rio de Cosimes*
O Cachueira. Em Caveri ou Canerio — *Rio de sexmos*, algaravia de *Cosme*. Talvez São Cosme, festejado em 27 de outubro, mas poderia tratar-se de Cosme Fernandes Pessoa, de alcunha "Bacharel", encontrado por Martim Afonso de Sousa em Cananéia. Um dos degradados da Armada de Ped'Álvares Cabral?

21 — *rio de uirgine*
O Jequitinhonha. Varnhagen identifica-o com a data de 22 de outubro — Onze mil Virgens, aliás, veneradas no Convento de Santo Antônio de Alcácer do Sal.

22 — *rio de San Johan*
É o de João de Tiba. Chegada da frota à Baía Cabrália no día 11 de novembro de 1501.

23 — *punte Seguro*
Ponta Grossa, ao norte do rio Buranhém que emborca na baía de Porto Seguro. *Punte* vem também empregado no *Kunstmann* como "ponta", do italiano "punta", em relação a Sergipe ou *punte real,* não devendo tratar-se de "porto".

24 — *Barefes Uermegi*
As barreiras vermelhas ao sul de Porto Seguro.

25 — *rio do brasil*
O Trancoso onde a frota coletou madeira tintorial. Na Carta de Cantino — *Rio de brasil,* lugar de muita madeira, talvez o principal motivo da troca do nome *Santa Cruz* em Brasil em 1505.

26 — *barosa*
Barreira adiante do Trancoso.

27 — *monte de pasqual*
Serra dos Aimorés do descobrimento de Cabral. Certamente, tanto Porto Seguro como o Monte Pascoal foram reconhecidos por alguém que viajara na Armada cabralina. Esse alguém, Gaspar de Lemos.

28 — *rio de sta lucia*
Trata-se do Jucuruçu, ainda na Bahia, alcançado em 13 de dezembro.

29 — *rio de arefens*
Rio Paraíba do Sul. Suponho que nesse porto Gaspar de Lemos recolheu os dois degredados deixados por Pedr'Álvares em Baía Cabrália, um dos quais citado por Caminha: jovem e criado de D. João Telo, de nome

Afonso Ribeiro. (6) Aquele *Cosmes* (Cosme Fernandes Pessoa) seria um dos dois grumetes que, segundo Pero Vaz de Caminha, *esta noite se sairam desta nau, no esquife, fugidos, os quais não vieram mais.*

30 — *serra de San thomé*
Atual. Avistada em 21 de dezembro.

31 — *pinaculo detentis*
É a serra dos Órgãos, quiçá mais propriamente o "Dedo de Deus". Duarte Leite traduziu-o segundo o toponimo do mapa de Turim — *Pinaculo de tentaçá,* com data de 25 de fevereiro, referente à tentação de Jesus por Satanás. Discordo. Há toponimos idênticos ao do Kunstmann: Ptolomeu, 1513 — *pinachulo detetio;* Waldseemüller — *pinacchulo detentio;* Caveri — *pinachulo detencio;* e Maiollo — *pinaculo detencio.* Resume-se tudo isto do latim *detentum,* o lugar mais alto onde a Frota pairou.

32 — *baía de reis*
A de Guanabara. O toponimo foi transferido em 1503 para a Baía Grande ao sul, onde permanece, ou seja Angra dos Reis. Quer dizer, a Frota depois de avistar a Serra dos Órgãos entrou na Guanabara em 6 de janeiro de 1502, dia de Reis. Significa, ainda, que o batismo *rio de janeiro,* no mapa de Pedro Reynel, 1516, é da viagem de Gonçalo Coelho.

33 — *rio jordan*
Na Baía Grande, mas seria o toponimo transferido em 1503 para a Baía de Guanabara. Em suma, a 13, entrava a Frota na atual Angra dos Reis. Duarte Leite traduz o batismo de acordo com o Evangelho de S. João: "A pericópia do capítulo 1º do Evangelho de S. João, em que é narrada a cerimonia. Lê-se na missa da Oi-

(6) No AUTO NOTARIAL de Valentin Ferdinandi de Morávia, de 20 de maio de 1503, verifica-se que a Frota colheu dois degredados deixados no Brasil vinte meses atrás. Sem dúvida, aqueles da Esquadra cabralina, e encontrados por Lemos no rio Paraíba do Sul. *Arefens* não é, portanto, algaravia de *arrecifes,* palavra árabe. Reynel escreve errado — *aRafes.* Nos Fragmentos de Instruções dada a Pedr'Álvares consigna-se: *nam devês sajr en terra ssem vos dar arrefens pello que se fez ao dito Vasco da Gama.* Conseguintemente: *rio de arefens,* os reféns deixados por Cabral.

tava da Epifania, 13 de janeiro, e em tal dia teria sido imposto o nome." Efetivamente, disse S. Marcos: *E aconteceu naqueles dias que Jesus veio a Nazareth de Gaililéia, e foi batizado por João no Jordão.* O Prof. Duarte Leite concilia *jordan* com o rio Mambucava. Concordo. Está confronte ao Pico do Frade, de 1.600 metros. Aqui já se pode lembrar que o Capitão-mór promoveu por intermédio do padre vários batismos de silvícolas. Valentin Ferdinand, *Ato Notarial,* faz referência a batismos durante o périplo de 1501-2.

34 — *rio de são antonio*
O que cerca a ilha de Santos, onde escalou a Frota em 17 de janeiro de 1502. O *Kunstmann* preteriu o porto de S. Sebastião, mas Caveri regista-o: *porto de Sam sebastian.* Temos assim que os navios prosseguiram para o Sul, passando em seguida por S. Vicente no dia 22.

35 — *punte de san unicentio*
Trata-se da ponta de Itaipu, batizada em 22 de janeiro. Na ilha de São Vicente fundearia Martim Afonso de Sousa, ensejando-se uma povoação com o nome deste santo.

36 — *rio de cananor*
É o de Cananéia, em S. Paulo alcançado em 25 de fevereiro. A ortografia *cananor* é lapso do *croquis* da viagem. No *Kunstmann III* temos *Rio de cananea,* e no mapa de Reynel — *R:. de canenea,* mas corrigido para *cananea* na cópia manuscrita. Interpreta-o Duarte Leite conforme o Evangelho de S. Mateus a propósito da mulher de Cananéia que lançando-se aos pés de Jesus suplicava a cura de sua filha atormentada pelo demônio. Eis o motivo pelo qual Duarte Leite optou pela data de 29 de fevereiro para a chegada nesse porto. Convém salientar que Ravesntein consigna o dia 15, e a continuação da viagem em 29. Não aceito, pois seria interromper a seqüência de datas agiológicas: 22 jan., S. Vicente, e 25 fev., Cananéia. No dia 15 Vespucci assumira o comando geral da Frota por escolha dos oficiais, fato este que comprova o seu prestígio profissional como Piloto, Cosmógrafo e Cartógrafo.

Na ilha do Cardoso — barra da atual Cananéia — bem na ponta de Itacuruçá, em *25.º06'50"S* por 37.°55'W os portugueses chantaram outro Padrão de pedra liós.

* * *

Feitos o *reconhecimento* e a *demarcação* de Vera Cruz, cumpre agora falar sobre o rumo tomado por Amérigo Vespucci — Capitão-mór *ad hoc* — após deixar o porto de Cananéia. Se verdadeira a data *15* para sua escolha como Comandante, antes de alcançar Cananéia, pode presumir-se doença ou estafa de Gaspar de Lemos.

Levillier optou pelo rumo de su-sudoeste até o litoral de San Julián na Argentina, com regresso a Portugal em 45.ºS. Alega que muitos mapas posteriores ao *Kunstmann II* registam um *Cananor* justamente onde desemboca o rio de Camarões.

Reconheço no autor platino a genealidade no interpretar as epístolas vespuccinas, vejo no *América la bien llamada* as mais nobres das intenções de um historiógrafo de grande envergadura, e sem dúvida, no gênero o mais erudito, porém não devo, nem poderia concordar com a teoria de um *Cananéia* ou *Cananor* em território argentino.

Levillier, além de fixar a jurisdição de Portugal em S. Vicente — 24.ºS, transpôs o *pinanculo detentis* (Rio de Janeiro) para o Uruguai, representado pelo Cerro de Montevidéo de 140 metros de altitude, em 34.º35'S, conforme uma aquarela de Ghichenet, que ilustra o assunto.

Ora o nosso *Cananor* regula por 25.ºS, primeiro e único da cartografia pioneira. Por que equivocou-se Levillier? Simplesmente comparou nos velhos mapas a altura do esboço do Cabo de Boa Esperança em África com o sítio de *Cananor,* dando-lhes uma mesma altura astronômica, embora de oitiva, mostrando ainda que em mapas mais recentes, como por exemplo: Castiglione de Mântua, 1522-27, Diego Ribeiro, Schoner, Oroncio, Fine, Agnese, Santa Cruz, Homem, registam em 25ºS *Cananéia* e em 45.ºS um *Cananor.*

Em primeiro lugar, a latitude do Boa Esperança em relação com o Brasil não merece boa fé porquanto a própria linha Equinocial nesses mapas quase nunca vem traçada corretamente, estando de ordinário mais ao norte, ou mais ao sul da boca do rio Amazonas, não obstante bem posicionada em África...

Em segundo lugar, é contraproducente afirmar que o *Cananor* na Patagônia independeu do outro brasileiro, ou seja, dois lugares e dois batismos distintos, pois o da Argentina, conforme Levillier, *aparece entre 1502 a 1560 em 89 mapas, 18 dos quais apresentam ambos os rios.*

Vale mais como fonte positiva, registradora do périplo de Gaspar de Lemos, o *Kunstmann II,* como também Caveri. Os cartógrafos posteriores, mal informados, modificaram a nomenclatura primitiva, criando na Argentina um *Cananor,* embora mantendo no Brasil aquele *Cananea.* Essa transposição de topônimos — o *Cananor* do Kunstmann para um lugar na Patagonia é coisa corriqueira em cartografia quinhentista como no caso da *Baía de Reis* (Guanabara) para a Baía Grande ou *Angra dos Reis* atual. Compare-se, por exemplo, o *Kunstmann II* com o *Terra Brasilis* de Pedro Reynel.

Demais, o próprio Alberto Magnaghi, de quem discordo quanto às interpretações de algumas epístolas vespuccinas, sustenta ponto de vista bastante coerente e aqui serve de conclusão:

> *Si ammeti de tutti che Cananea (nome che si conserva anchora sulla costa a 25.° circa di lat. S) sia la lettera giusta, e che Cananor sia l'errore di un copista.*

O erro foi consolidado por outros cartógrafos...

Quanto ao rumo da navegação, após o porto de Cananéia, com a chantização do Marco delimitador — ninguém tinha mais ânimo de prosseguir explorando rios e portos — leia-se Cândido Mendes:

"Pela carta de Amérigo Vespúcio vê-se que chegando à altura de Cananéa resolvera deixar a terra e ir examinar o país por outra parte. E era natural que deixando a frota o litoral brasileiro para se lançar no oceano com outra direção, deixasse bem assinalado o ponto de sua última exploração para em qualquer tempo assegurar-se o direito de Portugal." E prosseguindo: *o ponto da nossa costa sul em que tocou a frota exploradora portuguesa onde serviu Vespúcio, foi precisamente Cananea ou Cananor.*

Revenstein, Derby, Eduardo Prado, Humboldt e recentemente Max Justo Guedes aceitam a navegação de Su-sueste, e todos sabemos que o florentino dirigindo os navios chegou até 52.ºS, ou talvez 53.°, sem mencionar desembarques no

Uruguai e na Argentina. Como se diz em marinharia, a Frota navegava por *mar-aberto.*

E assim diz a *Lettera:*

> *Tanto andammo verso l'ostro, che già stavammo fuora del Tropico di Capricornio, donde el polo Antartico s'alzava sopra l'orizonte 32 gradis.*

E em seguida: ... *tanto navigammo por questo vento, che citrovammo tanto alti, chil polo Antartico ci stava fuera del nostro horizonte ben 52 gradis.*

Nesse rumo, em mar-aberto, não avistou, ou não interessou-se pelo Rio da Prata.

O frio intenso foi a causa de o Capitão-mór, ele e não certamente Vespucci, desistir da exploração marítima, pois, tendo reassumido o posto em 7 de abril, e até o dia 13 com mais uma tentativa, talvez procurando uma passagem que permitisse chegar às Molucas, velejou para Serra Leôa, ali chegando no dia 15 de maio, onde passou uma quinzena recuperando-se. Uma das caravelas foi queimada por não poder navegar mais.

Dirigiram-se para os açores, abicando ali em julho, com demora de quinze dias, lançaram-se ao mar e, finalmente, no dia *7 de setembro* entraram no Tejo, felizes e a bom salvamento — *Die ringratiat sia.*

Giovanni Francesco Affaidati escreveria de Lisboa a Domingos Pisani, de Saraçoça, em *10 de setembro,* dando novas do regresso de Gaspar de Lemos: a frota navegara *2.500 mia di costa nova ne mai aver trovate fiu ditta costa.*

De fato, ninguém conheceu o fim do continente. Era um Novo Mundo, na expressão de Amérigo Vespucci.

* * *

Não falta quem afirme, inspirado em Duarte Leite, que João da Nova esteve no Brasil em 1501 e antes de Gaspar de Lemos. Teria sido ele o autor do batismo *Cabo de Sam Jorge* (Carta de Cantino) referente ao Cabo Branco na Paraíba. Sobre tal invencionice do Prof. Leite tratarei na pesquisa *SAM ROQUE,* mas é bom trazer à tona a viagem de Nova. Ignora-se mesmo o seu *Regimento* e, contudo, coisa sabida e nunca contestada, sobre o assunto, procede da pena do cronista João de Barros:

El-rei dom Manuel, antes da vinda de Pedr'Álvares, posto que não tivesse recado do que lhe sucedeu na viagem (porque sua tenção era em cada ano fazer uma armada para este descobrimento e comércio, da Índia) no mes de março, para ir tomar os temporais com que se naquelas partes navega, neste ano de quinhentos e um, mandou armar quatro velas. A capitânia mor das quais deu a João da Nova, galego de nação e nobre de linhagem, por ser homem que entendia bem os negocios do mar e ter gastado tempo em armadas, que de neste reino fizeram para os lugares de além, onde sempre andou em honrados cargos.

Tudo muito explícito. Seu destino, a Índia. Nem o Rei o mandaria ao Brasil porque: a) não conhecia a derrota; b) para a empresa já se preparava a frota expedicionária de Gaspar de Lemos.

Não obstante, o Dr. Th. Pompeu Sobrinho em fixando *São Roque* no Ceará, enseada de Pericoara — 3.º24'S e, ainda, pensando tratar-se da viagem de 1501-2, refuta a origem histórica do *Padrão* de Touros, tendo em vista que Vespucci nada referiu a este respeito nas suas epístolas. Assim, consoante o autor na *Protohistória Cearense*, 2ª Ed., Nota 51, temos:

"O marco de pedra encontrado na "Praia do Marco", no Rio Grande do Norte, um pouco ao oeste da ponta do Calcanhar, entre esta e a dos Três Irmãos, em frente ao recife ou urca da Cotia, com as armas de D. Manuel, pode à primeira vista parecer uma prova concreta e irredutível de que a expedição de 1501 abicou ali, mais ou menos a 5º de latitude austral. Notemos, porém, que: 1º — o cronista da expedição e todos quanto a ela se referiram não mencionam a implantação de marco de posse; e, mesmo quando Vespucci fala no ato de posse, nenhuma alusão faz a qualquer marco que ali se houvesse então chanado; 2º — é possível que esse marco provenha da expedição que primeiramente visitou aquelas paragens. Sabe-se que João da Nova por ali andara meses antes, sendo o primeiro capitão que à costa nordestina abicara por ordem do

rei para fazer reconhecimento; fora mesmo o primeiro, naturalmente, como fizera Cabral muito mais ao sul, tomar posse materialmente com um marco de pedra, adrede confeccionado em Lisboa. De que Nova aportou pelas imediações da inflexão continental e chegou a reconhecer este acidente, temos positivo indício no topônimo que Cantino registrou no seu mapa, para indicar o acidente — Cabo de São Jorge."

Nada mais absurdo. Nem o Rei autorizou a João da Nova *reconhecer* Vera Cruz (onde uma prova documental coeva?) nem o Cabo de São Jorge é "positivo indício" do alegado. Basta-me, portanto e por enquanto a palavra autorizada de João de Barros:

> *... partiu João da Nova com quatro velas da Cidade de Lisboa, e além da parte sul em oito graus daltura descobriram a ilha que puseram nome de Concepção, e foram a Moçambique.*

Quer dizer: Nova costeou a África, a caminho da Índia e, nessa derrota descobriu a ilha, hoje em poder dos ingleses, e nada mais. Se houvesse tocado no Brasil (Rio Grande do Norte, 5º ou na Paraíba, 7º) tê-lo-ia dito o cronista.

Diz Humboldt que *em história é preferível não tentar explicar tudo*. Antes assim. Pelo menos não se inventariam problemas absurdos.

Todos sabemos que nunca houve em litorais cearenses um *Padrão* do rei. Mas, existiu no Rio Grande do Norte, positivamente em 5.°S. Documentos vetustos corroboram sua presença: a) João Teixeira, cartógrafo: *Marco Antiguo.* Topônimo este situado ao leste da baía de Guamoré, acompanhado de um losango com cinco pontos representando as quinas portuguesas; Manuel de Figueiredo, Piloto: *terra de marco* que *está 30 léguas de Siará,* ou seja, o cabo Genipabu, antigo *Siará,* em litoral do município do Ceará-Mirim; Pascoal Roiz, cartógrafo: *o marco;* Sanches, cartógrafo: *o marco;* Johan de Laet, cronista: *Marco... hic quodam limes feisse videtur inter Lusitanus et Castellanos;* e ainda Laet: *O marco, vingt cinc lieus, en cert endroit il semble qu'anciennement estoyen les limites entre Portugal et Castilhans.*

A interpretação de Laet escapa à realidade histórica. O Marco foi chantado ali porque a Frota desviara-se do seu rumo, chegando a Touros acidentalmente.

Em 1624 um roteiro holandês assinalava: "O Marco é uma costa ao longo da qual se encontram algumas casas, tendo seu porto no Rio Guamoré, 26 milhas a noroeste do Rio Grande." Isto é: do rio Potengi, em Natal.

Curioso é que em 1700 os oficiais do Senado da Câmara da Vila de São José de Ribamar no Ceará, solicitando à Metrópole o alargamento do território para o leste alegavam *que as terras que esta capitania domina para a parte do sul* (leste) *hé athe o rio monxoro* (antigo rio Arrombado, e não propriamente a foz do Mossoró ou Apodi) *se bem que o marco que divide esta com a do Rio Grande* (do Norte) *fixque sircumuesinho com o porto de touros por onde parese toqua a nossa villa e ribeira do assú.*

Os ilustres, porém não ilustrados camaristas confundiram *marco de dominino* com *marco de fronteira*...

Henri Koster, *Travels of Brazil,* 1816, diz: *the capitainy of Rio Grande coomence some lesques to the southward Cunhaú, at place called Os Marcos.* Provavelmente, não examinou o Padrão.

* * *

Em 1875 o pernambucano José de Vasconcelos publicou notícia sobre o Marco de Touros. Quinze anos mais tarde o cearenses Tristão de Alencar Araripe levava ao conhecimento *do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* a novidade, propondo que a relíquia fosse removida para aquele sodalício.

Da Ata da 16ª Sessão ordinária de 10 de outubro de 1890, do Instituto, transcreverei *ipse litteris* a proposta do doutor Araripe, acompanhada da notícia de Vasconcelos, documento este já publicado por Luís da Câmara Cascudo no seu livro *Dois ensaios de História,* de 1965.

P R O P O S T A

"Na obra *Datas célebres e factos notáveis da História do Brasil* encontra-se curiosa notícia acerca do marco ou padrão, que junto ao cabo de São-Roque plantaram os navegadores, que percorreram as costas brasileiras nas primeiras investigações do descobrimento das nossas terras. O autor da

citada obra, em carta a mim dirigida, lembra a conveniência de ser esse marco transportado para esta capital federal, afim de conservar-se com o Padrão, que aqui temos, e que foi transportado de Cananéia.

Parece-me acertado a lembrança do nosso consócio o Sr. José de Vasconcelos, desvelado cultor das letras pátrias; por isso proponho que se oficie ao governo provisório, pedindo que o dito marco seja para aqui conduzido por ordem do ministério da instrução pública, e se coloque n'este Instituto. A notícia está sob a data de 7 de agosto de 1501, e abaixo transcrita.

Rio 10 de outubro de 1890

T. Alencar Araripe"

A notícia de José de Vasconcelos:

Ali (junto ao cabo de São Roqque), *justamente na latitude de 5.°3'41 "Sul está o lugar chamado Arraial do Marco, porque n'elle existe um d'esses padrões. Eis as informações que sobre elle obtivemos:*

É uma pedra quadrangular, da qualidade que chamam vulgamente de Lisboa, donde a importamos em obras de diversas especies, e de fina gran.

Tem a figura de um grande parallepipedo, com dois palmos de largura e um de grossura.

Quanto ao tamanho não se sabe; porque está enterrada em parte, tendo fora da terra cerca de quatro palmos; é de crer, que tenha outros tantos soterrado. Não tem inscrição e nem data alguma, e apenas em uma das faces gravada, ou melhor dito, cavada, uma cruz da ordem de Christo em cima de uma especie de escudo, no qual estão as quinas portuguesas em cruz. Fora primitivamente infincada sobre um comoro de areia, tendo de cada lado duas pedras da mesma qualidade, porem mais pequenas e completamente lizas, que ainda la estão no primeiro lugar da chantização.

Os moradores supersticiosos, do lugar e também dos povoados vizinhos muitas milhas acima e abaixo d'aquele ponto da costa acreditam, que é uma pedra santa, com a cruz e as chagas de Jesus Christo, e la vão em romaria passar em torno d'ella fitas para ficarem bentas, como é uzo se fazer nas igre-

jas com imagens; rezam o terço diante d'ella em dias determinados, fazem-lhe promessas e apegam-se a ella em suas aflições.

Um morador do lugar, chamado Felix Baptista, encarregou-se de receber as esmolas, que levavam os romeiros, com o fim de conservar todas as noites um lampeão em frente d'ella, especie de farol que de muita utilidade serve aos barqueiros, que por ali navegam. Por sua iniciativa foi a santa pedra transportada para o lugar, em que atualmente se acha, mas como a conduziram sozinha ficaram as outras duas pequenas marcando o sitio, em que tora primitivamente infincada, como já dissemos.

Os moradores que não acreditam na santidade d'ella, bem que sejam poucos, pensam, que marcava o lugar de um grande thezouro enterrado pelos holandezes, e já procuraram fazer-lhe um buraco no centro para ver si eraôca, e com o mesmo proposito partiram uma das pequenas, cujo fragmento nos trouxeram e depozitamos no Instituto Archeologico e Geográfico Pernambucano.

Pela descrição acima se vê, que aquela pedra é incontestavelmente um padrão ou marco antigo com os seos dois ajudantes ou testemunhas, como era de uzo elles chamados.

A expressão entre parênteses: "junto ao cabo de São-Roque" merece reparo. A latitude dada por Vasconcelos difere em minutos da do Cabo, que está em 5.°07'S, já na costa oriental. A do Marco, na costa setentrional, em 5.°03'41"S.

Suponho que a "pedra santa" das cinco chagas de Jesus (Quinas) e mais o farol mantido aceso perto dela motivaram o toponimo *Ponta de Santo Cristo,* acidência inexpressiva, sem registro na cartografia antiga. É o caso, também, da *Ponta de Santa Cruz*, hoje riscada dos mapas, e ignorada dos navegadores quinhento-seiscentistas. O seu batismo certamente decorreu do fato de o Pe. Leonardo Tavares de Melo em 1666, como representante de Fernández Vieira no auto de posse de uma *sesmaria* por ali assim demarcada, mandou erguer um cruzeiro de madeira. *A Ponta de Santa Cruz*, esquecida de todos, é formada por um morro de areias ao norte do Cabo de São Roque.

Por incrível que pareça os consócios do *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte,* entidade fundada em 1902, só tomaram conhecimento do Padrão uns sete anos depois do alerta de Alencar Araripe.

No dia 10 de maio de 1928 o *Diário de Natal* pediu a atenção do Instituto para a relíquia, conforme consta na *Ata* da Sessão ordinária de 20 de maio do ano supracitado:

O Sr. Presidente ocupou-se de um artigo publicado no "Diário de Natal", edição de 10 do corrente, assinado "Da Praia", no qual se chama a atenção do Instituto para a existência de um marco antiquíssimo, de pedra, de mais de um metro de altura, com os padrões de Portugal, no município de Touros.

Conforme Nestor Lima, o Cônego Manoel da Costa quando vigário de Touros costumava enviar notícias para a imprensa e, ao invés de assinar-se escrevia: *DAPRAIA.* Foi portanto ele a terceira pessoa a tratar do assunto.

Em 29 de julho, diz outra *Ata,* ficou "deliberado a ida de uma comissão do Instituto ao Município de Touros, a fim de identificar um marco de pedra, lá existente, num local entre Reduto e Gostoso."

Da *Ata* de 30 de setembro sabe-se que: "O Presidente justificou não ter havido sessão no mês anterior, por haver ido visitar, com o consócio Câmara Cascudo, o marco existente na Praia do Marco, a 6 léguas ao norte da Vila de Touros, deste Estado." E em seguida: "O Presidente realizou a visita no dia 26 de agosto deste ano. Lembrou a necessidade de o Instituto velar pela conservação do marco, mandando fazer uma base de alvenaria, no próprio local."

Assim, em 28 de agosto os membros da Comissão, Nestor Lima, Marcílio Teixeira de Carvalho, Luís da Câmara Cascudo, Joel Cristiano, Arthur Alcântara e José Antunes da Silva chegaram ao Arraial do Marco.

Encarregado de redigir o Relatório, diria Câmara Cascudo: *27 de agosto de 1928, às 13 e 40, ficamos diante do marco de pedra para cuja identificação fomos de Natal amassando noventa léguas em viagem redonda.*

Historiador insigne, o mais completo pesquisador do Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo é a quarta pessoa a preocupar-se seriamente com o *Padrão.* Diz ele:

> "Altura, um metro e vinte e oito, espessura, vinte centímetros, largura, trinta centímetros, com um metro e cinco de contorno. Pedra branca, granulação fina, parecendo calcarea, dura, com toda certeza liôs, a pedra ritual dos padrões coloniaes. No primeiro terço, Cruz de Christo de relevo em optimo

estado de conservação. Abaixo, escudo de Portugal. Cinco escudetes em aspa com cinco quinas postas em santor, sem a bordadura dos castellos. Deteriorados inteiramente o primeiro escudete da sinistra, a metade do centro e parcialmente o da ponta.

O lugar é chamado Marcos, fica a legoa e meia do Canto de Cima, no municipio de Touros. Posição aproximada: 25º48'4"W Greenwich, 5º5'S. Os moradores dizem-no Cruzeiro dos Marcos. Para medi-lo foi mister arrancar fitinhas e perpétuas votivas." (7)

Escreveria Câmara Cascudo que um pintor português, Jorge Maltiera, desenhou *in loco* o monumento, em junho de 1953. Ele estava infincado numa pequena elevação arenosa confronte ao mar.

Quando em 1955 Câmara Cascudo visitou-o, os praieiros construiam uma Capela à custa de esmolas: "as paredes alcançavam altura de receber o telhado. Numa sapata, com visível intenção de altar, via-se o Marco, literalmente coberto de fitas, rosários e flores, atapetado de manchas de cera das velas oblacionais." E disse ainda: pela "primeira vez notei os numerosos "ex-votos" em madeira e barro, atestando a intervenção suficiente e miraculosa. Os devotos vinham também do Ceará, Paraíba e Pernambuco, fielmente, em maio. Maio, 3 de maio, é a invenção (achado) da Santa Cruz em Jerusalém pela Imperatriz Santa Helena."

O Prof. Osvaldo de Sousa, do *Patrimônio Histórico e Artistico,* lá esteve em fevereiro de 1962. Encontrou a Capela já pronta, com telhado de duas águas e uma porta.

No dia 2 de março de 1975, ocasião em que no Salão nobre do Palácio Potengi, em Natal, eu recebi, às 21 h., das mãos do Governador do Estado, o Troféu *Catavento de Prata,* símbolo da administração de sua excelência, no qual estava gravado: *Guarino Alves. A gratidão do seu R. G. Norte, Gov. Cortez Pereira,* revelou-me o Dr. Enélio Lima Petrovich, Presidente do Instituto Histórico, que o *Marco* fora removido para a Capital em setembro de 1974. Para removê-la, servira-se Os-

(7) Luís da Câmara Cascudo, *CONCLUSOENS DA VIAGEM QUE FEZ LUIS DA CAMARA CASCUDO CHRONISTA DA EXPEDIÇAO QUE AS TERRAS DE TOUROS MANDOU O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO NORTE NOS SETIMO ET SEXTO KALENDAS SEPTEMBRIS, MCMXXVIII, ANO DO N.S.J.C.*

valdo de Sousa da polícia porque ninguém em Touros queria perder aquela pedra das cinco chagas de Jesus Cristo.

Afinal, com a reforma da fortaleza *Santos Três Reis,* transformada em Museu, inaugurado no dia 30 de janeiro de 1976 pelo Dr. Sanderson Negreiros, Presidente da *Fundação José Augusto,* pude ver o *Padrão,* chantado numa sapata de alvenaria, num dos quartéis da fortaleza, com placa de metal esclarecedora.

* * *

Um pouco dramática é a história do *Padrão* de Cananéia. Como não pretendo alongar-me ficarei adstrito a alguns tópicos da informação prestada por Moreira de Azevedo em 1886. A pedra foi descoberta por acaso, sendo seu descobridor o Cel. Afonso Botelho de Sampaio e Sousa em 16 de janeiro de 1767.

Em 16 de janeiro de 1841, Varnhagen, despertado pela notícia divulgada por Fr. Gaspar da Madre de Deus, sobre a matéria, dirigiu-se em comissão até lá e examinou a peça, lavrando em seguida um Auto. Diria ele em um artigo:

> *Os padrões erão iguaes, estavam juntos, um no meio com seus dois tenentes aos lados; destes, um tinha cahido e estava lá muito no fundo, onde o levara o rolo do mar que o cobria, estando já sujo de ostras e sururus. La os deixamos em paz. Lembro-me que o meu exame foi tão minucioso que até descobri as pequenas covas, que se tinhão brocado ou antes aberto à picareta no rochedo, afim de poderem neste segurar sem resvalar os pés da cabrelha, que tiverão de armar para içar aqueles. De tudo que vimos e examinamos se lavrou um auto declarando que não havia em taes padrões esculpidas esferas nem data.*

Um inglês, ou americano, talvez, conta Azevedo, quis levar consigo a relíquia em 1865. Temendo tal coisa o Barão de Capanema oficiou ao Ministério do Império pedindo "que ordenasse à municipalidade de Cananéia que autorizasse a trasladação do monumento para o Instituto Histórico. Obtida a permissão da câmara municipal respectiva conduziu o nosso colega o referido padrão, com um dos tenentes ou testemu-

nhas, não podendo extrair o outro por estar muito encravado." Esse tenente encravado encontra-se hoje no Museu de S. Paulo.

Em 1974 eu ainda não conhecia as últimas pesquisas de Luís da Câmara Cascudo sobre as relíquias de Touros e Cananéia, exceto a plaquete *O mais antigo marco colonial do Brasil,* 18 páginas, ilustrado com foto de Touros. Mas, em 1976, de regresso da cerimônia de inauguração do Museu da fortaleza Três Santos Reis, dia 30 de janeiro, prestigiada com a presença do Governador e do Vice-Governador, respectivamente, Drs. Tarcísio Maia e Genibaldo Barros, levou-me o Dr. Enélio Lima Petrovich a visitar Câmara Cascudo, já noitinha. O Mestre recebeu-me festivamente e presenteou-me o livro *Dois ensaios de História,* seu estudo completo dos Marcos, com a distinta dedicatória: *Para Guarino Alves grata, afetuosa homenagem do seu admirador profissional Luís da Câmara Cascudo.*

Entretanto, eu já tinha pálida idéia quanto ao Padrão paulista. Tanto assim que escrevera ao *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* pedindo informações, pois acreditava ou imaginava que a relíquia era idêntica nas suas características à de Touros. Obtive resposta, nos seguintes termos:

Rio de Janeiro, 19 de abril de 1974

Ilmo. Sr.
Prof. Guarino Alves
Instituto do Ceará
Rua Barão do Rio Branco, 1594

Prezado Senhor.

Reporto-me de ordem do Prof. Pedro Calmon, Presidente deste Instituto, à sua carta de 11 de março do corrente ano, que contém a solicitação sobre o Padrão da ponta de Itacuruçá, em Cananéia, que se acha no Salão de Sessões do Instituto Histórico, tem de comprimento 96 cm, de largura 42,5 cm e de grossura 22,5 cm, e finalmente, o Padrão de Cananéia tem em relevo a Cruz e o Escudo numa só face.

Esperando tê-lo atendido satisfatoriamente, subscrevo-me cordialmente

ADELAIDE ALBA
Diretora da Secretaria

Ayres de Casal, favorável a Cristóvão Jacques como Comandante da Frota de 1501-2, cita as medições do Marco feitas por Varnhagen, e, curioso, Alexandre Gaspar de Naia no artigo *Quem foi o primeiro descobridor do rio da Prata e da Argentina?*, 1960, declara que o Pe. Casal dissera na sua *Corografia Brasílica* que aquela relíquia tinha gravada a data de 1503. Não me recordo de ter lido, faz muitos anos, a *Corografia,* tal coisa. Mas, transcrevi a lista de Marcos feita por Ayres de Casal, referente às várias viagens. Está incompleta e contém erros: "1º na enseada dos Marcos entre a Bahia Formosa e da Traição; 2º na enseada da Bahia de Todos os Santos; 3º sobre a barra de Cananéia; 4º na ilha de Maldonado; 5º entre a ponta meridional na Bahia de S. Mathias, e a Ponta do Padrão, mais chegado à primeira."

Vejamos agora: o da baía dos Marcos (Rio Grande do Norte) nunca existiu na sua qualidade de domínio. É de fronteira, de 1611, mandado enfincar por ordem do Governador-Geral como nova divisão com a Paraíba. O monumento de pedra encontra-se hoje no *Instituto Histórico* natalense. Por outro lado, Casal omitiu o do Rio de Janeiro, no Morro do Castelo, situado no oitão de uma igreja e protegido de gradil de ferro. Nem citou o de Touros e, igualmente, o de Paranaguá que, até pouco tempo servira de apoio para cortar legumes no pátio de um hotel.

Estes *padrões,* excetos os de Touros e Cananéia, foram certamente chantados por Martim Afonso de Sousa, sendo que o de Maldonado o foi por Pero Lopes, monumento descoberto pelo Piloto Francisco Fernández em março de 1800: *una piedra que pesaria tres quintales con un escudo grande de Portugal y encima otro pequeno atravesado con una cruz.* (8)

Note-se que Gabriel Soares de Sousa não andou muito correto nas suas informações sobre as duas primeiras viagens portuguesas no Brasil. Por exemplo: "A estas partes foi mandado depois por sua A. Gonçalo Coelho com três Caravelas darmada, para que descobrisse esta costa, com as quais andou por ela muitos meses, buscando-lhe os Portos e Rios, em muitos dos quais entrou e assentou Marcos, dos que para este descobrimento levava, no que passou grandes trabalhos por pouca experiência e informações que até então tinha de

(8) Cf. P. Groussac. (Vide *Anales de la Biblioteca,* Vol. 14, p. 114. Buenos Aires, 1905).

como a costa corria, a do curso dos ventos com que se navegava, e recolhendo-se Gonçalo Coelho com perda de dous. (*Mass.* 3007).

Ora, quem viajou com três naves foi Lemos em 1501-2 e só trouxe dois padrões. E não perdeu nenhum barco. Apenas queimou um, por não poder navegar mais.

Entretanto, acrescenta Soares: que Dom João III "ordenou outra Armada de Caravelas, que mandou a esta Conquista o qual entregou a Cristóvão Jacques, fidalgo de Sua Casa, que nela veio por Capitão-mor, o qual foi continuando no descobrimento desta Costa, e plantou em muitas partes Padrões que para isso levava." Esta expedição de especiarias coube a Gonçalo Coelho, 1503-5, e não trazia padrões. Cristóvão Jacques esteve no Brasil a partir de 1527, em missões de policiamento dos mares contra os corsários franceses.

Em resumo, no que importa aos marcos de Touros e Cananéia, o importante é que se distinguem de todos os demais chantados posteriormente: têm a Cruz de Cristo e o Escudo *numa só face,* enquanto os outros têm a Cruz numa e o Escudo na outra face. Comprova-se, dessarte, sem qualquer dúvida possível, que a Armada de Gaspar de Lemos trouxe dois *Padrões* e com eles demarcou a costa no princípio e no fim do périplo: *5.º04'40"S* — Touros, e *2.º06'50"S* — Cananéia.